

Filosofia e Teologia

Antonio Carlos de Campos Pedroso

Professor Doutor de Filosofia do Direito e Teoria Geral de Direito da FDUSP

1. Introdução. O apelo à Transcendência. Diferentes orientações do conhecimento humano. A problemática de Deus. Plano de trabalho.
2. O problema de Deus e seus aspectos. A sabedoria da razão, a da fé e a teológica.
3. Conhecimento de Deus através dos entes finitos. Como se processa. A implicação metafísica.
4. Conhecimento de Deus através da revelação. Como se processa. A adesão da fé.
5. Diferenças de perspectivas. A razão e a fé. Pensar e crer. Atitude filosófica e atitude religiosa. A Filosofia, conhecimento racional de Deus. A Teologia, conhecimento de Deus pela adesão da fé e sua explicação por via discursiva.
6. Relações entre a Filosofia e a Teologia. Influências recíprocas. Tensão benéfica entre ambas.
7. O problema da Filosofia cristã. Breve referência. Possibilidade histórica.
8. Enunciados finais.

RESUMO

O texto visa destacar os critérios epistemológicos que permitem relacionar o conhecimento filosófico ao conhecimento teológico de Deus. Demonstra que ambos os aspectos da pesquisa sobre Deus são pertinentes e complementares.

O conhecimento filosófico de Deus decorre dos resultados da Metafísica e da Antropologia Filosófica. O ser humano atinge à Causa Final através do

“longo peregrinar” (a expressão é de Bochenski) pelo reino dos entes finitos. O conhecimento teológico de Deus decorre da revelação. O teólogo, por via discursiva, através de reflexão metódica sobre os dados da Bíblia, pretende chegar à uma explicação parcial de Deus.

O conhecimento da primeira espécie provém da razão; o da segunda, é obra da fé. Mas os estudos não são antinômicos porque entre a razão e a fé não pode haver conflito. É que, como salienta Béla Weissmahr, “o conhecimento derivado da revelação divina contém como seu elemento essencial o conhecimento de Deus que surge mediante o emprego da inteligência”. Logo a Teologia só pode acrescentar saberes mais elevados à Filosofia.

O conhecimento filosófico fica, assim, devidamente demarcado. Ele não se confunde com o conhecimento empírico ou o conhecimento científico. Muito menos com o de natureza teológica. O texto ressalta este último aspecto, procurando evidenciar a autonomia da Filosofia.

PALAVRAS-CHAVE

1. Filosofia. Conhecimento que tende à explicação de toda a realidade (conhecimento, universo, pessoa, existência, valores, sentido da história, mundo, Absoluto) à luz da razão natural.

2. Antropologia Filosófica. Pesquisa que tende à obtenção da resposta à indagação da essência e propriedades do ser humano (auto-realização, autodesenvolvimento e relações com o outro e o mundo).

3. Autotranscendência. Propriedade que decorre do sentido metafísico do homem, ou seja, o movimento pelo qual o homem procura superar a si mesmo: na vida cognitiva, pela busca incessante do saber; na vida volitiva, pela busca continuada e novas realizações.

4. Interpretação teocêntrica da autotranscendência. Abertura do Ser Total. Não a simples abertura orientada ao vazio ou ao futuro, mas uma abertura que se direciona ao Absoluto.

5. Teologia Natural. Parte da Ontologia que se preocupa com a explicação racional de Deus, bem como de suas relações com a criatura e o mundo.

O termo Teodicéia foi cunhado por Leibniz para a justificação de Deus, ou seja, o estudo da bondade divina, da liberdade do homem e da origem do mal.

6. Teologia Dogmática. Explicação metódica e científica destinada a conhecer e refletir sobre Deus, a partir dos dados da revelação historicamente ocorrida.

7. Relacionamento entre Filosofia e Teologia. A Filosofia conduz necessariamente a uma pesquisa sobre Deus com base na luz natural da razão; a Teologia, como estudo de Deus, tem como ponto de partida a revelação, procurando refletir sobre a mensagem bíblica, de forma metódica. Ambos os estudos se contemplam.

FILOSOFIA E TEOLOGIA

1. Introdução. O apelo à Transcendência constitui inclinação natural do ser humano. Por isso, nosso pensamento através de vários caminhos, se orienta para Deus, procurando melhor conhecê-Lo.

Santo Agostinho, nos “Solilóquios”, obra escrita após sua conversão e engajamento à fé cristã, traduziu esse entendimento ao indicar os temas básicos de sua filosofia: Deus e a alma. “Deum et animam scire cupio. Nihilne plus? Nihil omnino”⁽¹⁾. E, nas “Confissões”, obra escrita doze anos mais tarde, também confirmou esse pensamento ao proclamar: “Fecisti nos ad Te, et inquietum est cor nostrum, donec resquiescat in Te”⁽²⁾.

A busca agostiniana de Deus bem representa e traduz aquele anseio existencial de todo o ser humano. Propriedade essencial da natureza humana é, na verdade, a **autotranscendência** a que se referem filósofos como Gabriel Mar-

(1) Santo Agostinho, Los Soliloquios, Obras de Santo Agostinho, B.A.C., Madrid, 1957, tomo I, Livro I, cap. II, 7, p. 506.

(2) Santo Agostinho, Confessiones, Obras de Santo Agostinho, B.A.C., Madrid, 1968, tomo II, Livro I, cap. I, 1, p. 73.

cel⁽³⁾, Maurice Blondel⁽⁴⁾, e teólogos como Karl Rahner⁽⁵⁾ e Ladislaus Boros⁽⁶⁾.

No presente trabalho, pretendemos analisar dois caminhos através dos quais o pensamento humano se eleva a Deus, o da Filosofia e o da Teologia, o saber racional e o saber da fé.

Bem sabemos que para muitos filósofos, como os que se dedicam à análise da linguagem, esta questão do conhecimento de Deus não se põe. Pensamos, porém, que uma resposta a tal questão precisa ser dada. A Filosofia não pode fugir à sua discussão.

Dentro do âmbito do tema proposto – Filosofia e Teologia – delimitamos nossa pesquisa à indagação das relações existentes entre esses dois saberes.

Seguiremos este plano: primeiramente, vamos pesquisar o problema de Deus nos seus diversos aspectos; em segundo lugar, estudaremos, mais detidamente, o aspecto filosófico, vendo em que constitui o Deus dos Filósofos; e, em terceiro lugar, orientaremos nossa pesquisa para o aspecto teológico, procurando apresentar o Deus da Revelação. As conclusões desta parte inicial, permitirão fixar nossa atenção na diferença fundamental de perspectiva, ou seja, a da razão e a da fé, a do pensar e a do crer. Isto nos levará ao âmago da questão, possibilitando, através das premissas que forem estabelecidas, firmar os necessários contornos e distinções entre a Filosofia e a Teologia, ou melhor dizendo, entre a Teologia Natural (parte especial da Ontologia) e a Teologia Sistemática (exposição metódica das verdades contidas na Revelação). E esse confronto culminará com a análise das influências, tensões e implicações recíprocas.

(3) Gabriel Marcel, *Le Mystère de l'être*, in *Textos de los Grandes Filósofos*, Curso de Filosofia Tomista, vol. 15, Barcelona, Herder, 1977, p. 233/236 (Fe y realidad. qué es el ser?).

(4) Maurice Blondel, *Exigencias Filosóficas del Cristianismo*, in *Textos de los Grandes Filósofos*, Curso de Filosofia Tomista, Barcelona, Herder, 1977, p. 168/173 (Pensar Natural y Pensar Cristiano).

(5) Karl Rahner, *Oyente de la Palabra*, trad. Alejandro Esteban Latos Ros, Barcelona, Herder, 1967, p. 73/91 (cap. V *El Hombre como Espíritu*).

(6) Ladislaus Boros, *O Deus da Esperança*, trad. Jesús Hortal, Ed. Loyola, 1976, p. 7/38 (*As grandes correntes do pensamento contemporâneo*).

Em suma: nosso estudo pretende dizer que a Teologia diz muito mais de Deus do que a Filosofia. Para a Teologia, Deus é a Vida Pura, a Verdade Pura, o Amor Puro. A Ontologia, porém, ensina que Deus é o Ser Infinito, uno e simples, a causa fundamental da ordem dos seres. Segundo a Teologia, Deus se revela no Mistério da Trindade, sendo uma pluralidade de pessoas sem composição ou exclusão mútuas (as pessoas divinas são consubstanciais). Para a Filosofia, Deus é a causa dos seres, exercendo sua ação por meio de leis naturais. Da Causa primeira é que provém toda a ordem e a dinâmica dos seres finitos. Em conseqüência, a Teologia contém saberes que, por acréscimo, podem completar os da Filosofia. Para a Teologia, Deus é muito mais do que simples causa dos seres. Deus é Amor. À sua providência, deve corresponder a resposta da criatura, num relacionamento pessoal de oração, de louvor e de súplica. A existência do ser humano se abre, assim, à Transcendência, sendo a esperança a estrutura ontológica da pessoa.

Toda a Teologia aperfeiçoa o conhecimento filosófico de Deus. E ambas as disciplinas, no seu correto relacionamento, contribuem, através dos enunciados relativos ao Ser Infinito, para despertar um relacionamento mais profundo entre o ser participado e o Ser Absoluto. Aliás, para Blondel, a Teologia é a perfeição da Filosofia.

2. O problema de Deus e seus aspectos. Existem vários caminhos pelos quais o conhecimento de Deus pode ser obtido. A distinção, segundo nos parece, foi bem equacionada por Manuel Gonzalo Casas. Segundo seu entendimento, há quatro sabedorias relativamente ao tema ao Absoluto: a sabedoria da razão, a da fé, a da teologia e a dos dons do Espírito Santo. São esses os modos do conhecimento de Deus⁽⁷⁾. Deixando de lado o conhecimento por último citado, que provém da vida carismática, vamos deter nossa atenção no conteúdo das três primeiras.

A sabedoria da razão é aquela que desvenda o problema de Deus à luz dos princípios naturais; a da fé se diferencia da anterior, porque se baseia na revelação, exigindo, mais, do ser pensante, uma atitude religiosa, de adesão, espontânea e livre, às verdades reveladas; a de natureza teológica conjuga, de certa forma, os dois fatores: baseia-se nos dados da fé, mas estes são estudados e explicitados por vias discursivas.

Cada uma dessas sabedorias diz algo a respeito de Deus. Contudo, é certo que o filósofo, como filósofo, não conhece a Deus senão de uma maneira indireta. Não pode penetrar no mistério de sua Intimidade; tem que se deter no limiar desta. Porque o filósofo parte do estudo dos seres finitos para poder atin-

(7) Manuel Gonzalo Casas, *Introducción a la Filosofía*, 4ª ed., Ed. Gredos S.A., p. 90/104 (Lección IX, *Filosofía y Teología*).

gir a Causa Primeira. E conhecer uma coisa como causa de outra não é conhecê-la de maneira absoluta. O teólogo, porém, tem uma perspectiva muito mais ampla. Ele parte da fé e pretende conhecer o tema de sua indagação, na sua natureza mais profunda. Para isto, é preciso que o próprio Deus, num ato de amor, se revele.

Basicamente, sob o ponto de vista científico, há dois caminhos para alcançar a Deus: o percorrido pelo filósofo e o percorrido pelo teólogo (o caminho da fé, puro e simples, pode não ser objeto de explicitação teológica, permanecendo, no entanto, autêntico). Aquele só chega a Deus através de um “longo peregrinar pelo reino do finito, através dos entes deste mundo”, sendo seu Deus “de contornos tão imprecisos e carregados de problemas”, como bem relembra J.M. Bochenski⁽⁸⁾. O último chega a Deus, logo de início: o ato de adesão à verdade revelada é desde então captado e cientificamente enunciado.

Ambos se condicionam mutuamente. A Teologia, tentando penetrar mais profundamente no mistério de Deus, complementa o conhecimento filosófico. É a seguinte a lição, sempre penetrante, de Edith Stein: “O pensamento conclusivo cunha conceitos bem afiados, mas mesmo estes não são capazes de abranger o incompreensível, distanciando-o, pelo contrário, de todo o termo conceitual. Mais do que o caminho do conhecimento filosófico, oferece-nos o caminho da fé: o Deus da proximidade pessoal, o amante misericordioso, é uma certeza que não é própria a nenhuma cognição natural. Mas também o caminho da fé é uma via escura. O próprio Deus sintoniza sua linguagem com regras humanas, para fazer-nos entender mais o incompreensível”⁽⁹⁾.

A delimitação desses dois aspectos e a aceitação daquela diretriz dependem de melhor análise do Ser Infinito. Temos que **confrontar** a conceituação decorrente de uma **implicação metafísica**, para a qual o Ser Infinito é o fundamento e a razão ser de todos os entes e a proveniente da **revelação** do próprio Ser Total, como o Caminho, a Verdade e a Vida, onde além de ser causa dos entes, é Ele o propulsor do divino encontro com a liberdade dos seres humanos.

Estes dois conhecimentos foram bem esclarecidos por Joseph De Finance, *ipsis verbis*: “A razão conhece todas essas coisas a partir do finito, sem poder nunca sair de sua finitude. Do Ser divino só sabe o que dele se manifesta através dos entes. Não o capta em Si mesmo. Chega ao umbral do mistério, mas

(8) J.M. Bochenski, *Diretrizes do Pensamento Filosófico*, trad. Alfred Simon, 6ª ed., E.P.U., 1961, p. 109/119 (O Absoluto).

(9) Edith Stein, *Na Força da Cruz*, trad. Hermann Baaken, Ed. Cidade Nova, 1982, p. 49.

não lhe é permitido desvendá-lo. Além desse umbral, para ela se estende o incognoscível... O conhecimento direto do Ser Total só pode depender do Ser Total mesmo. E somente quando o Ser Total, por sua iniciativa gratuita, se manifesta em Pessoa, descobrindo à inteligência, nas mais profundas partes do mistério, alguns horizontes insuspeitos, somente assim o conhecimento do ser, **esboçado na Ontologia**, alcança sua perfeição: uma visão penetrante e unificadora, que capta a cada um dos entes no mais íntimo de si mesmo, contemplando-os todos juntos na sua fonte e no seu exemplar, na Idéia concreta do Ser que é, no horizonte da mera razão, a essência divina e, mais precisamente, no horizonte da fé, o Verbo de Deus”⁽¹⁰⁾.

Com esta indicação, procuremos confrontar o conhecimento indireto do Ser divino, o que se manifesta através dos entes, com o conhecimento direto, que provém da revelação. Esta seqüência melhor traduzirá os diversos elementos que irão servir de fundamento para as distinções e relacionamentos ulteriores entre a Filosofia e a Teologia.

3. Conhecimento de Deus através dos entes finitos. A Filosofia é “o conjunto dos conhecimentos naturais, metodicamente adquiridos e organizados, que tende a fornecer a explicação fundamental de todas as coisas”, consoante definição de Louis de Raeymaeker⁽¹¹⁾. Tem como notas características, na expressiva lição do Prof. Miguel Reale, “o amor do saber e a exigência de universalidade”⁽¹²⁾

Para atingir a esta explicação fundamental, a Filosofia estuda o ser, analisando seus atributos, sua ordem e sua dinâmica, no plano metafísico. Cabe-lhe a análise do ser na sua unidade e pluralidade, bem como na sua atividade.

Esse estudo conduz, necessariamente, a um problema fundamental: o de Deus. Trata-se de problema implícito, desde logo, na primeira revelação do ser. O estudo dos seres finitos culmina com a análise metafísica da existência de Deus.

Fernand Van Steenberghen, depois de ter considerado a ordem dos seres finitos (composição e dinâmica), demonstra que a existência do Ser infinito constitui uma **implicação metafísica**. O estudo filosófico de Deus é simples explicitação do conteúdo de referidas inferências. A dedução dos atributos, ne-

(10) Joseph De Finance, Conocimiento del Ser, Tratado de Ontologia, trad. Salvador Caballero Sánchez, Ed. Gredos S.A., p. 497/498.

(11) Louis de Raeymaeker, Introduction a la Philosophie, 4ª ed., Publications Universitaires de Louvain, 1956, p. 33.

(12) Miguel Reale, Filosofia do Direito, 9ª ed., Saraiva, 1982, p. 5/9.

gativos e positivos, de Deus constitui objeto da ciência ontológica, ou melhor, é o coroamento da análise da composição do finito⁽¹³⁾.

A razão última dos seres é a Causa Fundamental a que se chega após o longo peregrinar a que se refere J.M. Bochenski, já mencionado. Porque a causa fundamental é transcendente com relação às causas finitas. E, assim, o Ser Infinito surge de uma implicação de ordem metafísica.

Assim obtido, esse conhecimento é relativo, limitado, parcial, incompleto e indireto. O conhecimento do filósofo se inicia com a análise da concepção dos entes para, através destes, atingir o Ser. Da contingência dos seres finitos é que deve ser extraída a prova da existência do Ser supremo e necessário.

Deus não é conhecido em si, mas como causa dos seres. Como ensina Aristóteles: “dizemos que Deus é uma das causas de todas as coisas, um dos primeiros princípios” (Metafísica, L. 1, 983, 10).

Revelando a Deus como causa dos seres, a Filosofia responde parcialmente à questão formulada no início deste trabalho. Seu caminho leva a Deus, mas seu conhecimento é superficial. Partindo dos seres não atinge o Ser na sua realidade mais profunda.

Béla Weissmahr, depois de discutir o problema da capacidade cognitiva do homem relativamente ao conhecimento racional de Deus e de concluir pela sua possibilidade, indica, de forma metódica, os **sinais de Deus no mundo**, a saber: “a) o homem em busca do sentido da vida; b) o homem diante da exigência absoluta da moralidade; c) o homem na busca do sentido último de todas as coisas; e d) o homem frente ao mistério do mundo em evolução”⁽¹⁴⁾.

O conhecimento de Deus vem da percepção de alguns sinais. Exemplo frisante dessa perspectiva filosófica, que apenas consegue revelar a Deus como causa dos seres temos numa passagem de Santo Agostinho. Nas suas “Confissões”, servindo-se de um processo literário, ele formula a diversos seres da natureza a pergunta relativa ao conhecimento de Deus. Destes seres (trata-se da terra, do ar, do vento, do sol, da lua, das estrelas, do próprio homem, da massa do universo) só botem uma resposta: “Foi Ele quem nos criou”. À pergunta

(13) Fernand Van Steenberghen, *Ontologia*, 4ª ed., Publications Universitaires de Louvain, 1966, p. 166/168; idem *Dieu Caché*, Publications Universitaires de Louvain, 1966, p. 232/269.

(14) Béla Weissmahr, *Teología Natural*, trad. Claudio Gancho, Barcelona, Herder, 1986, p. 58 e segs.

“Quem é Deus?” ou à súplica “dizei-me ao menos alguma coisa Dele”, os seres respondem com argumentos de mera causalidade porque não podem sair de sua finitude⁽¹⁵⁾.

Esse o conhecimento preambular de Deus que, evidentemente, só pode ser complementado pelo conhecimento teológico. Parece que isto não consistirá em um problema para a fé, porque esta, embora auto-suficiente, deverá ser compatível com a razão. Não se pode crer naquilo que parece manifestamente absurdo ou simplesmente falso.

Antes, porém, de concluir pela compatibilidade entre a razão e a fé, e da possibilidade de harmonia fecunda entre a Filosofia e a Teologia, vejamos como se processa o conhecimento do Ser Total que se manifesta a nós, na sua natureza mais profunda pela revelação.

4. Conhecimento de Deus através de sua revelação. Afirma o cristianismo que os Patriarcas, os Profetas e sobretudo Jesus Cristo trouxeram aos homens a mensagem de Deus, uma revelação divina. Por via de consequência, nesta revelação, também subsiste uma visão compreensiva e unificada da realidade.

Nas suas linhas gerais, a revelação abrange o mistério primordial, o da Encarnação e o da Redenção: o primeiro revela a natureza de Deus; o segundo, o de Jesus Cristo, que se fez homem; e o terceiro, o mistério da Cruz, de um Deus que salva a humanidade pecadora.

O mistério primordial afirma a existência de um Deus Infinito, subsistente em três pessoas, que têm participação na mesma e única natureza divina. Eternamente, o Pai engendra o Filho, ou seu Verbo, expressão perfeita do seu pensamento. Eternamente, também o Pai e o Filho constituem o princípio do Espírito Santo, expressão perfeita e subsistente do amor dos primeiros.

Este é o dogma do Deus em si. Semelhante conclusão em nada contradiz as conclusões da Ontologia, acima explicitadas. Projeta, isto sim, uma luz nova sobre a essência e os atributos de Deus, metafisicamente descritos.

Além desse conhecimento, a revelação nos apresenta o mistério da Encarnação e da Redenção: o mistério do “Deus conosco” e o da Cruz. Sobre este último Edith Stein teceu profundas considerações. Pois bem, respondem ambos os mistérios a um desígnio grandioso: fazer de Jesus, o centro e o fim de toda a criação e assegurar, a todas as criaturas, o retorno à casa do Pai. Aliás, no pensamento de W Soloviev, de espírito platônico e agostiniano, Cristo é a categoria da unidade total, o cosmos divinizado.

(15) Santo Agostinho, Confessiones, ob. cit., p. 396.

Este é o mistério. Seu conteúdo também é compatível com a noção filosófica de sabedoria na ordem da causalidade. Se a realidade absoluta não se encontra na ordem dos seres finitos, ela é transcendente ao finito. Não há antinomia entre esta inferência metafísica e a que decorre do estudo sistemático da revelação. Para esta, Deus não é apenas a sabedoria que tudo ordena, mas o amor que, através desta mesma ordenação, se manifesta. Deus é a providência que, através da criação continuada, cuida dos seres, dirigindo o mundo à realização de seu plano. As conclusões apresentadas por Jacques Maritain, na sua obra “Sobre a Filosofia da História” se harmonizam, perfeitamente, com afirmações de ordem escatológica.

Vê-se, assim, que tudo o que filosoficamente se pode afirmar de Deus é, também, reconhecido pela revelação e estudado pela Teologia. Para a Filosofia, Deus é o ser necessário à explicabilidade racional do mundo, na sua ordem, harmonia e consumação; para a Teologia, Deus é o Ser eterno, Absoluto e Criador de todos os seres, sendo, além disso, o Amor Infinito que se manifesta numa providência especial e misteriosa. Não há, pois, dissonância entre as conclusões da Antropologia Filosófica, da Ontologia ou da Filosofia da História e a visão mais abrangente da Teologia.

São perspectivas diversas que não se excluem.

5. Diferenças de perspectivas. A razão e a fé. Pensar e Crer. Atitude filosófica e atitude religiosa. Vimos que o caminho filosófico e o caminho teológico levam a Deus, embora o peregrinar do primeiro seja diverso do do segundo. Como quer que seja, é procedente a afirmação de Edith Stein, segundo a qual “quem procura a verdade, consciente ou não, procura Deus”. Além disso, mostramos que o conhecimento de Deus, através dos entes coincide, em parte, com o conhecimento de Deus, através da verdade revelada. Por fim, verificamos que os dois prismas de conhecimento não se opõem nem se excluem.

Logo, pode-se dizer que a Filosofia e a Teologia constituem maneiras diferentes, embora harmônicas, de olhar e perscrutar a natureza do Criador. Como diz Orlando Vilela “A Filosofia vê as coisas nelas mesmas e Deus nas coisas; a Teologia vê Deus nele mesmo e as coisas em Deus”⁽¹⁶⁾.

Há diferença de perspectiva nesse olhar: uma encara a realidade divina pela razão; outra, pela fé. Por conseguinte, o objeto material delas é, em parte, idêntico; o objeto formal é diverso e as distingue: a Filosofia considera a Deus como causa dos seres; a Teologia, na sua realidade mais profunda. Rigorosamente falando, pode-se dizer que só se chega à existência e à natureza de Deus através da análise do finito: o objeto próprio e direto da Ontologia é o estudo do ente enquanto ente, sendo Deus causa adequada do finito. Este é mutável,

(16) Orlando Vilela, *Iniciação Filosófica*, Ed. Agir, 1961, p. 68/72.

múltiplo, contingente e relativo, sendo Deus “implicação necessária” desses atributos. Assim é a Filosofia (no caso, a Teologia Natural); não a Teologia (Sobrenatural), cujo estudo encara a realidade divina na sua realidade mais profunda.

Procede tal situação do fato de existir no ser humano a luz do conhecimento natural e a da fé, coexistentes e em posição de perfeito equilíbrio. O crer não pode ser contrário à evidência do pensar, pois, ainda que distintos, não são separados.

Santo Tomás de Aquino, na *Summa contra Gentiles* adverte que “os dons da graça se acrescentam à natureza de tal maneira que os mesmos não a suprimem, senão que a aperfeiçoam. Assim sucede com a luz da fé que nos é infundida gratuitamente: não destrói a luz do conhecimento natural com a qual temos sido dotados pela natureza”.

Nem sempre assim se entendeu. Historicamente, vários esforços foram feitos para conciliar a razão e a fé. Uns chegaram ao extremo de negar aquela em favor desta; outros, ao contrário, deificaram a razão, negando qualquer possibilidade à fé.

A razão pode ver a Deus por força da evidência intrínseca; a fé, pela evidência extrínseca da autoridade de um Deus que se revela ao homem. De modo que a crença jamais pode ser contrária aquela evidência racional.

A Teologia Sistemática subsiste ao lado da Teodicéia, para nos utilizarmos da expressão cunhada por Leibniz.

Duas conclusões podem ser estabelecidas com base no que ficou exposto: a) o conhecimento de Deus através dos entes e o de Deus proveniente da revelação não se contradizem nos seus enunciados; b) a luz que ilumina aquele conhecimento e a que manifesta a este se encontram perfeitamente equilibradas no ser humano, coexistindo harmonicamente.

São estas as duas bases para o correto equacionamento entre as disciplinas filosófica e teológica. A problemática, apontando os elementos de confronto permite, agora, demonstrar as relações de compatibilidade que reinam entre ambas, as influências mútuas e possíveis tensões, sempre benéficas.

Procuremos examiná-las.

6. Relações entre a Filosofia e a Teologia. Influências recíprocas. Tensão entre ambas. A sabedoria é o conhecimento sobre a realidade última, a do Ser Supremo; mas ela se realiza sob duas luzes distintas: a sabedoria filosófica, à luz natural da razão; a sabedoria teológica, à luz da fé.

O conhecimento teológico completa e aperfeiçoa o conhecimento ontológico de Deus.

Esta complementação eficiente dá origem às relações recíprocas entre ambas as disciplinas; ademais, elas mantêm entre si mútuas influências, numa tensão sempre benéfica.

A contraposição entre ambas é simplesmente insustentável. Jacques Maritain, numa síntese feliz, assim formulou aquelas relações: “A Teologia ou ciência de Deus, enquanto se deu a conhecer a nós pela revelação, está acima da Filosofia. A Filosofia lhe é submetida, não em seus **princípios**, nem em seu **desenvolvimento**, mas em suas **conclusões**, sobre as quais a Teologia exerce **controle**, constituindo, assim, a regra negativa para a Filosofia”⁽¹⁷⁾.

Desse enunciado e com base nos grifos, que são nossos, pode-se deduzir: a) a Filosofia fornece elementos à Teologia, para que esta possa atingir seu objetivo: compreender, na medida do possível, as verdades reveladas; b) a Teologia, por ter proeminência sobre a Filosofia, exerce uma regulação de caráter negativo.

No primeiro caso, não se trata de uma utilização de caráter necessário (porque, em si mesma, a Teologia é independente), mas de caráter conveniente. Nesse sentido a Filosofia pode ser considerada instrumento da Teologia, porque auxilia o raciocínio teológico. Daí a fórmula clássica: “*philosophia ancilla theologiae*”. Aliás, a Teologia não pode estar desligada das categorias do pensamento.

No segundo caso, a diretriz existe porque a verdade das proposições reveladas não pode estar em antagonismo com a das proposições filosóficas. Como vimos, a fé e a razão não podem apresentar conclusões antinômicas. Pode ocorrer, é certo que determinados raciocínios filosóficos, não elaborados por formas inteiramente corretas, propiciem conclusões contraditórias relativamente à verdade da fé, suficientemente esclarecida pela Teologia. Nesse caso, de pseudoconflito, de conflito aparente, esta última disciplina pode indicar teses que não podem ser aceitas.

Por tudo, a Teologia é um estímulo ao filosofar. Há questões filosóficas somente possíveis pela pressão da fé na especulação do cristão. Assim, a Filosofia recebe da Teologia notáveis subsídios para a elaboração de certos conceitos e teorias que seriam omitidas se deixadas a seus próprios recursos.

(17) Jacques Maritain, *Éléments de Philosophie, Introduction Générale a la Philosophie*, Paris, Libr. Pierre Tequi Ed., 1951, p. 86 e segs.

7. O problema da Filosofia Cristã. As considerações precedentes tentaram estabelecer a harmonia reinante entre a razão e a fé; objetivaram confrontar o conhecimento de Deus dos Filósofos e o conhecimento de Deus dos Teólogos; demonstraram ser o segundo conhecimento um aprofundamento do primeiro; apresentaram os caminhos para Deus através da sabedoria filosófica e da teológica; e mostraram que, embora separadas e distintas, as ciências filosófica e teológica guardam entre si relações harmônicas, havendo influências e tensões recíprocas.

O problema da Filosofia Cristã surge, precisamente nesse contexto: o pensador cristão intenta demonstrar certas verdades relativas a Deus (existência, natureza, criação, relações com o mundo, etc.) sobre as quais já crê firmemente. A questão, que apresenta inúmeras dificuldades a resolver, comporta nova pesquisa, fugindo ao alcance do presente trabalho. Pode-se afirmar, contudo, que o filósofo, quando demonstra as verdades básicas se vale de métodos próprios, sendo seus conhecimentos obra única, exclusiva e específica da razão.

Nestas condições, não pode haver uma filosofia que seja cristã, em si mesma, isto é, estruturalmente. Pode, isto sim, surgir, historicamente, uma filosofia que se harmonize com a verdade revelada, sendo, assim, por **mero acidente**, cristã. A Filosofia é autônoma em seu âmbito racional. Ainda que se consagre ao estudo de Deus (Teologia Natural) deve ser sempre conduzida pela luz racional da razão. A explicação última só pode ser captada pela luz da razão. A explicação do universo a partir de suas razões últimas deve ser fruto de captação racional. A maiêutica de Sócrates, a dialética de Platão, a lógica de Aristóteles, a intuição de Bergson ou a intuição fenomenológica de Husserl, apenas para citar alguns caminhos para o filosofar, são métodos que jamais se compadecem com o ato de fé.

Em sua essência, a Teologia é cristã; não a Filosofia que se assenta em bases racionais, puramente humanas.

8. Conclusões. No desenvolvimento do presente trabalho, procuramos demonstrar que tanto a Filosofia quanto a Teologia se preocupam com o tema do Absoluto, havendo dois caminhos para a sua pesquisa.

Resumindo, podemos dizer, agora, como ambas as disciplinas se distinguem e se relacionam.

A Filosofia parte dos seres finitos para, através destes, alcançar a Deus, como Causa Fundamental; a Teologia parte de Deus, na sua própria natureza.

A Filosofia, conhecendo a Deus, como causa dos seres, não o conhece de maneira absoluta e direta; a Teologia, pelo contrário, conhece a Deus na sua natureza mais profunda, em parte revelada.

A Filosofia chega a um Deus impreciso e de contornos problemáticos, mesmo assim após o longo peregrinar pelo mundo dos seres; a Teologia alcança a Deus no seu limiar, pela adesão prévia, que exige, das verdades reveladas.

O objeto material de ambas é, assim, Deus.

O objeto formal, que as distingue, é, no caso da Filosofia, Deus somente como causa dos seres (aspecto determinado, circunscrito), e, no caso da Teologia, Deus na sua natureza mais profunda (na parte revelada).

As relações entre ambos os conhecimentos só podem ser harmônicas. A fonte do conhecimento da Filosofia é a razão e a da Teologia é a fé. Mas os dons da graça não destróem senão aperfeiçoam os da natureza.

Ainda aqui são cabíveis as seguintes considerações de Béla Weissmahr, in verbis: “o conhecimento divino obtido com a ajuda da inteligência humana deve ser considerado como um conhecimento outorgado por Deus; e o conhecimento derivado da revelação divina contém como seu elemento essencial o conhecimento de Deus que surge mediante o emprego da inteligência”. E mais: “o conhecimento divino ‘natural’, isto é, o conhecimento de Deus que a criatura desenvolve ‘imane do mundo’, e o conhecimento divino por revelação ou ‘transcendente’ não só não se excluem senão que **se condicionam mutuamente**”(18).

O saber teológico completa o filosófico. Se a resposta da Filosofia é parcial, a da Teologia é mais completa. A Teologia acrescenta saberes mais elevados à Filosofia, sem excluir os desta.

Isto posto, acolhemos as seguintes ponderações de Johannes Hessen: “A tragédia do conhecimento filosófico não pode superar-se no campo da Filosofia, porque brota de sua essência mais íntima. Deste modo, a Filosofia aponta a um ideal mais alto, mais além dela mesma, que significa preencher o último desejo que nenhuma Filosofia pode satisfazer. Com outras palavras, é a religião o que a Filosofia assinala como seu complemento essencialmente necessário”(19).

A Filosofia implica numa conversão do superficial para o profundo, do relativo para o absoluto. A esta certeza nos conduz a Filosofia. Na Teologia, a certeza é de tipo diferente: implica, não só numa conversão profunda, mas num relacionamento íntimo do ser participado com o Absoluto. Depende do assentimento da fé e este provém da potência mais profunda do nosso ser. São Paulo, 15 de abril de 1987

(18) Béla Weissmahr, ob. cit., p. 185/190.

(19) Johannes Hessen, Tratado de Filosofía, Ed. Sudamericana, p. 41/42.